

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

JÉSSICA OLIVEIRA DE SOUZA

TRILHAS NO RIO DE JANEIRO:
CARACTERÍSTICAS E MOTIVAÇÕES NA BUSCA DE INFORMAÇÃO

Rio de Janeiro

2016

JÉSSICA OLIVEIRA DE SOUZA

TRILHAS NO RIO DE JANEIRO:
CARACTERÍSTICAS E MOTIVAÇÕES NA BUSCA DE INFORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Rodrigues de Souza Coutinho

Coorientadora: Prof^ª. Dra. Patrícia Mallmann Souto Pereira

Rio de Janeiro

2016

Ficha catalográfica

S729t Souza, Jéssica Oliveira de.
Trilhas no Rio de Janeiro: características e
motivações na busca de informação / Jéssica Oliveira de
Souza – Rio de Janeiro, 2016.
57 f.
Orientador: Luciano Rodrigues de Souza Coutinho.
Coorientadora: Patrícia Mallmann Souto Pereira.
Projeto Final II (Graduação em Biblioteconomia) –
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Trilhas – Rio de Janeiro. 2. Busca de informação.
3. Fontes de informação. 4. Atividade física de
aventura na natureza.
I. Coutinho, Luciano Rodrigues de Souza. II. Pereira,
Patrícia Mallmann Souto. III. Título

CDD: 028

JÉSSICA OLIVEIRA DE SOUZA

**TRILHAS NO RIO DE JANEIRO:
CARACTERÍSTICAS E MOTIVAÇÕES NA BUSCA DE INFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, de janeiro de 2017.

Prof. Dr. Luciano Rodrigues de Souza Coutinho (UFRJ)
Orientador

Prof^ª. Dra. Patrícia Mallmann Souto Pereira (UFRJ)
Coorientadora

Prof. Me. Danilo Pestana de Freitas (UFRJ)
Membro interno

Prof^ª. Dra. Regina Dantas (UFRJ)
Membro interno

Dedico este trabalho a memória dos meus pais,
ao professor e professora que me auxiliaram
da melhor forma possível, às minhas amigas e
ao meu namorado por estarem sempre comigo.

AGRADECIMENTOS

Primeiro quero agradecer ao Luciano Coutinho e a Patrícia Mallmann por me auxiliarem e me mostrarem que foi possível fazer um trabalho final com uma temática que gosto tanto, que me fez realizar essa pesquisa de forma mais prazerosa, agradecer também a disponibilidade de sempre tirar minhas dúvidas e se preocupar com a excelência do trabalho. Sem eles isso não seria possível.

Quero agradecer às minhas amigas da faculdade, que mesmo passando pelo mesmo momento de preocupação em terminar o trabalho, estiveram sempre presentes, dando auxílio uma a outra, em especial a Thaís Lamas que já passou por sua apresentação final e teve toda a paciência em ajudar nas dúvidas e momentos de desespero no decorrer do trabalho. Quero agradecer à UFRJ por me fazer vivenciar ótimos momentos durante a faculdade, por me fazer conhecer pessoas especiais que levarei para a vida.

Quero agradecer a todos que tiveram paciência comigo que o tempo todo só falava em TCC. Ao *Red Hot Chili Peppers* com seu álbum *By The Way* que foi a trilha sonora do meu TCC, muito obrigada mesmo, foi essencial.

Agradecer ao meu namorado por me incentivar a cada momento, por ficar sempre do meu lado, me animando, me distraíndo e me emprestando o computador para fazer as pesquisas. Foi muito especial ter você comigo nesse momento.

Quero dizer que estou orgulhosa de mim mesma, me agradecer por fazer um trabalho tão legal que não imaginei ser possível.

E por último agradecer aos meus pais que mesmo não estando presentes fisicamente, estão comigo em memória e dedico cada feito meu a eles.

RESUMO

O presente trabalho representa uma pesquisa empírica, que objetiva analisar as características e motivações gerais da procura de informações sobre trilha, o perfil das pessoas que procuram por essas informações, assim como o que caracteriza a trilha para estes praticantes, e o que leva ao crescimento desta atividade, em especial no Estado do Rio de Janeiro. O referencial teórico compreende os fundamentos de alguns conceitos acerca do assunto tratado, em especial a partir da análise do conceito de informação, o qual está presente na fundamentação das discussões sobre as origens dessa motivação, os grupos de informação, a construção cultural sobre a atividade, e a cultura da informação. Através de relatos de pessoas praticantes da atividade que possuem histórico de participação nas informações geradas e disseminadas, seja por publicações em redes sociais ou blogs, ou ainda debates em grupos sobre o tema, buscou entender a influência que isso gera em outras pessoas, a partir da aplicação de questionário com 20 pessoas. Como resultado foi possível observar que uma das principais motivações para as pessoas iniciarem a prática de trilhas é o contato com a natureza, e que informações sobre as trilhas são consideradas importantes para um melhor aproveitamento da atividade, além de ser considerada pelos respondentes um fator motivacional. Por fim, podemos observar que a prática de trilha está associada a busca de uma rotina que consagre o conceito de bem estar aos seus praticantes.

Palavras-chave: Trilhas – Rio de Janeiro. Busca de informação. Fontes de informação. Atividade física de aventura na natureza.

ABSTRACT

The present work represents an empirical research, which aims to analyze the general characteristics and motivations of the search for trail information, the profile of the people who seek this information, as well as what characterizes the trail for these practitioners, and what leads to the growth of this information, especially in the State of Rio de Janeiro. The theoretical framework includes the fundamentals of some concepts about the subject, especially from the analysis of the concept of information, which is present in the basis of the discussions about the origins of this motivation, information groups, cultural construction on the activity and information culture. Through reports of people practitioners of the activity who have a history of participation in the information generated and disseminated, whether by publications on social networks or blogs, or even group discussions on the topic, sought to understand the influence that this generates in other people, from the application of a survey with 20 people. As a result, it was possible to observe that one of the main motivations for people to start practicing trails is the contact with nature, and that information about the trails are considered important for a better use of the activity, besides being considered by the respondents a motivational factor. Finally, we can observe that the practice of trail is associated with the search for a routine that consecrates the concept of well-being to its practitioners.

Keywords: Trails – Rio de Janeiro. Seek of information. Sources of information. Physical activity of adventure in the nature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	2º Divisão das AFAN.....	22
Quadro 2 -	Comparações <i>Hiking</i> x <i>Trekking</i>	25
Quadro 3 -	Divisão das UCs.....	32

SIGLÁRIO

AFAN	Atividades Físicas de Aventura na Natureza
FEMERJ	Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
INEA	Instituto Estadual do Ambiente
UC	Unidade de Conservação
SNUC	Sistema Nacional de Conservação da Natureza
APA	Área de Proteção Ambiental
CI	Ciência da Informação
PNAD	Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	JUSTIFICATIVA.....	14
1.2	OBJETIVOS.....	15
2	ATIVIDADES FÍSICAS.....	17
2.1	ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA.....	18
2.2	TRILHAS.....	23
	RIO DE JANEIRO COMO CENÁRIO DE ATIVIDADES AO AR	
3	LIVRE.....	31
4	FONTES DE INFORMAÇÃO.....	36
5	METODOLOGIA DE PESQUISA.....	39
5.1	CAMPO DE PESQUISA.....	39
5.2	TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	39
5.3	POPULAÇÃO/AMOSTRA.....	40
6	APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	41
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS.....	51
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	56
	ANEXO A – MAPA DE UCS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.....	57

1 INTRODUÇÃO

O uso das redes sociais e da internet pode estar bastante presente no dia a dia, muitas pessoas tem acesso a fotos, informações, entre outros. Rouillé (2009) é citado por Paula e Garcia (2014) para exemplificar a atual situação que estamos inseridos, a partir da análise da nossa interação com as redes sociais, e aponta que mediante a imagem digital, por exemplo, novas redes de produção e circulação imagéticas surgem, com formas de consumo e interação atualizados. Trazendo para a realidade do trabalho, as redes sociais ajudam a potencializar a propagação de imagens e informações sobre a atividade de trilhas no Rio de Janeiro.

Por se tratar de uma tecnologia que está inserida na vida de uma parte considerável das pessoas, fica mais fácil ser “atingido” por imagens ou informações sobre diversos assuntos. “O viver atual, cada vez mais, é tecnológico e permeado por dispositivos eletrônicos – máquinas e sistemas computacionais – que facilitam tarefas [...]” (PAULA; GARCIA, 2014). Essa disseminação das informações possibilita o despertar do interesse ou da curiosidade das pessoas, por exemplo, em obter mais informações de como fazer trilhas ou conhecer determinado lugar no Rio de Janeiro, por exemplo, por ter visto em alguma foto no facebook ou instagram e ir em busca de informações que sejam diretamente relacionadas com a pessoa que compartilhou ou em alguma outra fonte que pareça mais interessante ou acessível, de modo que possam ajudar a realizar essa vontade.

Estamos em um momento onde há uma grande quantidade de informações sendo gerada, isso não é recente, porém cada vez mais é crescente essa produção e é necessária haver uma maior preocupação em recuperar essas informações de forma satisfatória. Isso se dá pelo “poder” que as informações têm e o interesse nelas, segundo Borges (2009) a informação e o conhecimento são considerados como recursos essenciais para o desenvolvimento econômico e social. Complementando com Somasundaram e Shrivastava (2011) informação é a inteligência e o conhecimento derivados dos dados. Ou seja, o surgimento do interesse pelo conhecimento gerou essa “explosão” de informações que temos e a internet ajudou a consolidar mais ainda. “Denominado como ‘explosão de informação’ ou explosão de documentos, caracterizou-se por um crescimento exponencial de registros de conhecimento [...]” (OLIVEIRA, 2008).

Nesse contexto, o Rio de Janeiro será o objeto de estudo enquanto cenário para atividades ao ar livre, pois se destaca mesmo ao compararmos a outros belos lugares do Brasil e do mundo, sempre concorrido e que tirando problemas estruturais e políticos, ainda assim é

visto como lugar de se visitar. “As belezas naturais surpreendem [...] positivamente, principalmente em seu conjunto que envolve as praias e as montanhas.” (IRVING; CORRÊA; MORAES, 2011).

Fotos e menções sobre o Rio de Janeiro não faltam nas redes sociais, e isso desperta a vontade das pessoas em conhecer seu território e também realizar atividades físicas que possam somar com a beleza do Estado do Rio, questão essa que está presente nos assuntos debatidos em redes sociais, associados à qualidade de vida e contato com meio ambiente. O Estado do Rio é um local turístico que chama bastante atenção, especialmente a cidade do Rio de Janeiro, em que existem muitos eventos que marcam o Rio como um local bonito e com lugares para visitar.

Além dos atrativos naturais, como as praias e montanhas, a cidade é ainda privilegiada por seu patrimônio cultural e histórico, sendo palco permanente de megaeventos, exposições internacionais e demais atividades de lazer e de negócios durante todo o ano. (IRVING; CORRÊA; MORAES, 2011).

Temos os exemplos da virada de ano na Praia de Copacabana, uma das praias mais conhecidas no mundo, o Carnaval que segundo o site Rio Carnival não é apenas o maior Carnaval do mundo, mas também um ponto de referência o qual todos os outros são comparados. “[...] diversidade cultural e, além de um rico patrimônio histórico, alguns eventos de impacto internacional caracterizam a dinâmica da cidade - como o Carnaval e o *Réveillon*, apenas para citar os mais importantes.” (IRVING; CORRÊA; MORAES, 2011). Temos também o exemplo das Olimpíadas Rio 2016 que fez a cidade do Rio de Janeiro se tornar uma cidade Olímpica, a que segundo o site da prefeitura o Rio ficou em evidência e recebeu a primeira edição dos Jogos Olímpicos da América do Sul. É importante frisar que com isso aumenta a expectativa de crescimento do turismo na cidade, porém isso acarreta problemas em relação, por exemplo, a segurança, segundo Irving, Corrêa e Moraes (2011) é possível observar que o Rio enfrenta sérios problemas de violência urbana, assim como diversos problemas relacionados a uma grande e profunda desigualdade social.

Apesar de todos os problemas estruturais, o Estado consegue realizar importantes eventos, mas isso não anula a reflexão crítica necessária para melhor caracterizar uma parte da sua realidade, que é uma grande desigualdade social e pouco acesso da população a eventos de alto custo. “Uma cidade de contrastes que abriga um rico patrimônio natural e cultural, mas também está sujeita a elevados níveis de tensão social, decorrentes da pressão urbana e do histórico crônico de exclusão social nas últimas décadas.” (IRVING; CORRÊA; MORAES, 2011).

A cidade do Rio de Janeiro é a primeira cidade da América Latina a ter um domínio com seu nome, uma marca, ou seja, um site idealizado pela secretaria de turismo da cidade. Segundo o site da prefeitura, a Visit.Rio foi criada com o objetivo de facilitar a comunicação com visitantes e moradores da cidade, a marca Visit.Rio foi pensada para estabelecer uma identidade única, aumentar a interatividade e nortear todas as peças promocionais, plataformas digitais e o material impresso do turismo do Rio. Além de informações importantes e pertinentes para moradores e turistas, a plataforma usa também além do site oficial, as mídias sociais como YouTube, Instagram, Facebook e Twitter o que facilita a interação entre informação e usuários.

Assim como os demais Estados e Cidades Brasileiras, a Cidade mais diretamente, mas também o Estado, de maneira mais geral, o Rio de Janeiro é considerado um lugar muito caro e desigual, em especial para a parte da população que não possui grande poder aquisitivo. Esse cenário de desigualdade tem como plano de fundo uma região de paisagens verdes, montanhas, rios, entre outros, em que moradores e visitantes ainda têm variadas opções de atividades de lazer gratuitas dentro do Estado. Embora em alguns momentos sejam colocados debates sobre a concessão de áreas públicas para a exploração da iniciativa privada, como a que foi apontada para a Ilha Grande. Esportes ao ar livre são mais acessíveis e vem ganhando força e adeptos dessa atividade. Visitar uma praia, um parque, ainda é algo que podemos fazer sem demandar muito dinheiro. Essa questão da acessibilidade é algo que iremos discutir ao longo do trabalho, pois a realização das atividades de trilha é conhecida por essa característica.

Com base em toda discussão acerca das informações e também da prática de trilhas no Rio de Janeiro, a pergunta norteadora que irá conduzir a pesquisa será: quais são as características e motivações gerais na busca de informações sobre a prática de trilhas no Rio de Janeiro?

O trabalho está organizado e dividido em quatro capítulos principais para guiar a pesquisa e o debate das análises dos temas realizadas durante este trabalho.

O primeiro capítulo é intitulado de “Atividades físicas”, trata-se de uma breve introdução sobre o assunto e serve para complementar os subcapítulos que estão inseridos na temática, “Atividades físicas de aventura na natureza” e “trilhas”, em que serão analisados os conceitos acerca de atividade física, atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) e trilhas, termos que serão usados ao longo do trabalho.

O segundo capítulo “Rio de Janeiro como lugar de atividades ao ar livre”, pretende mostrar o cenário que a pesquisa está inserida e mostrar as características do Rio de Janeiro, fazendo uma breve descrição sobre o Estado, apontando os aspectos que o torna um ambiente propício para as atividades físicas na natureza.

O terceiro capítulo chamado de “Fontes de informação”, pretende discutir e analisar os conceitos acerca de informação, recuperação da informação e fontes de informação e mostrar a presente realidade tecnológica e inserção das redes sociais como formas de troca e coleta de informação.

No quarto e último capítulo “Apresentação dos dados”, serão apresentados os dados obtidos através das pessoas praticantes de trilhas escolhidas para responderem o questionário. Através desse resultado será realizada a apresentação dos dados das perguntas fechadas e uma análise do conteúdo das perguntas abertas. Após a apresentação e análise dos resultados do questionário, ao final, chegaremos à conclusão sobre o resultado das questões levantadas nesta pesquisa.

1.1 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa visa mostrar aspectos em torno da realização de trilhas, prática esta que tem se consolidado como uma atividade importante no Rio de Janeiro e que ainda continua a crescer em número de praticantes. Essa atividade chama a atenção por conta do visual durante e ao final das caminhadas que, costumam sempre dar em belos lugares com paisagens naturais ou em algum ângulo privilegiado de alguma parte do Estado. Muitas são as pessoas que ficam curiosas e com vontade de iniciar essa prática, seja por influência de algum amigo, por fotos, vontade de conhecer novos lugares, pelo exercício físico, ou ainda uma série de motivos. O Rio de Janeiro por si só já chama a atenção por conta de algumas das suas paisagens naturais como: praias, parques e florestas.

O Rio de Janeiro é conhecido como um lugar de alto custo de vida, conforme vimos anteriormente, e as trilhas se tornaram uma alternativa mais viável por ser uma atividade ao ar livre e largamente acessível, independentemente da enorme desigualdade econômica existente. Será mostrado também que com a prática dessa atividade, surgem outros aspectos importantes a serem pontuados como: degradação do meio ambiente, mau uso do espaço, falta de segurança e criação de hábitos “saudáveis”.

Outro motivo da realização da pesquisa é compreender as razões que levam as pessoas a iniciar essa prática, identificando de onde elas coletam informações, e seu porquê. No trabalho serão exemplificados esses motivos através da coleta de informações com pessoas que já estão inseridas nesse meio. Mostrar através de análises de alguns conceitos que serão discutidos ao longo do trabalho, a importância da informação e sua disseminação dentro de qualquer assunto.

Outra justificativa para a realização deste trabalho é mostrar a importância desta prática como ferramenta de conscientização sobre meio ambiente, importância também do conceito de coletividade, apresentar indicações sobre possíveis melhoras pelas pessoas, como por exemplo: ter metas, objetivos, aumento da autoestima. E também debater sobre o papel do Estado e da população no que diz respeito às políticas públicas que envolvem essa atividade.

Por fim, contribuindo para as justificativas do trabalho, a motivação inicial da pesquisa é a experiência pessoal nessa atividade, que assim como de outras pessoas surgiu a partir da vontade de explorar e conhecer melhor o Rio de Janeiro além dos pontos turísticos conhecidos. O Rio de Janeiro apresenta também muitos outros lugares não tão explorados e que valem a pena conhecer. É uma prática considerada acessível, em que é possível para a população em geral, e que pode e deve de forma plena aproveitar. É essencial mostrar a importância do cuidado com cada cidade, cada local e cada trilha preservando e respeitando o ambiente de convívio. Portanto, o que se espera com esta pesquisa é mostrar a importância desta prática para o Rio de Janeiro agregada aos demais benefícios que serão citados no decorrer do trabalho, mostrando também como a troca de informação é importante para conseguir suprir as dúvidas decorrentes.

1.2 OBJETIVOS

Nesta parte do trabalho serão apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos. No geral será definido o eixo que irá nortear o propósito principal da pesquisa, e os objetivos específicos, que irão auxiliar as discussões propostas, os quais serão respondidos ao decorrer do trabalho.

O objetivo geral busca compreender as características e motivações gerais na busca de informações sobre a prática de trilhas no Rio de Janeiro.

Os objetivos específicos são:

- a) identificar as principais fontes de informação sobre a prática de trilhas no Rio de Janeiro;
- b) identificar as motivações que levam as pessoas a iniciarem essa atividade;
- c) refletir sobre a associação do meio ambiente com a prática de esportes e a construção do significado de “vida saudável”.

2 ATIVIDADES FÍSICAS

As atividades físicas e desportivas constantemente podem ser apresentadas, quer seja na grande mídia ou ainda através de informações nas redes sociais, como algo considerado necessário e importante para a nossa saúde, física e mental. É possível encontrar muitas informações disponíveis em vários meios sobre esta temática, seja uma dança, musculação, corrida, lutas em geral e, isso tem chamando atenção das pessoas que são constantemente incentivadas a praticarem essas atividades, pois além de serem atividades prazerosas, proporcionam bem estar, impactam na saúde e também em suas aparências.

Atividade física é definida por Caspersen et al. (1985), como qualquer movimento corporal produzido pela musculatura esquelética, portanto voluntário, que resulte em gastos energéticos acima dos níveis de repouso. Inclui atividades ocupacionais do cotidiano, deslocamento, atividades de lazer, exercícios físicos, esportes, dança, artes marciais, entre outros. (CONTREIRA; CORAZZA, 2009).

Shephard e Balady (1999) apud Araújo e Araújo (2000) definem também atividade física como qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos que resultem em gasto energético, não se preocupando com a magnitude desse gasto de energia. Araújo e Araújo (2000) classificam o exercício físico como um subgrupo das atividades físicas e segundo Nahas (2003) apud Contreira e Corazza (2009), exercício físico é uma das formas de atividade física planejada, estruturada, repetitiva, que objetiva o desenvolvimento da aptidão física, de habilidades motoras ou a reabilitação orgânico-funcional. Incluem, geralmente, atividades de níveis moderados ou intensos, tanto de natureza dinâmica como estática. Importante marcar que essa construção das vantagens dessas atividades pode ser vista mesmo até em sites como o Portal da Indústria, o qual edita uma cartilha em que lista alguns benefícios da atividade física:

- a) mais saúde e disposição para realizar as tarefas do dia-dia;
- b) aumento da resistência física e força muscular;
- c) aumento da eficiência do sistema imunológico;
- d) melhor qualidade do sono e maior grau de relaxamento;
- e) redução nos níveis de ansiedade e controle do estresse;
- f) aumento da autoestima e autoimagem;
- g) ajuda na preservação da massa óssea, na função dos músculos e das articulações;
- h) redução da gordura corporal e ajuda no controle do peso corporal;

- i) redução da pressão arterial em repouso;
- j) ajuda no controle do diabetes;
- k) diminuição do colesterol total e aumento do hdl colesterol (o “colesterol bom”);
- l) proporciona uma maneira fácil de compartilhar seus momentos com familiares ou amigos e fazer novas amizades;
- m) previne e reduz os efeitos de doenças como: doenças do coração, osteoporose, deficiências respiratórias, problemas circulatórios.

É importante salientar que a prática de atividades físicas pode auxiliar em benefícios ligados a saúde e estéticos associados a uma complementação de uma rotina “saudável”, por exemplo, como alimentação balanceada.

2.1 ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA

Além dessas atividades já conhecidas, outras que estão chamando a atenção são as chamadas atividades físicas de aventura na natureza (AFAN), caracterizadas por serem realizadas em um ambiente fora de locais considerados tradicionais ou rotineiros, essas atividades vêm ganhando adeptos. Costa (2006) assinala que essa busca por aventuras na natureza tem sido apresentada por diversos autores como uma tendência crescente na sociedade atual. Costa (2006) enfatiza que a sociedade atual busca novas relações entre esporte, cidade e natureza, Constantino (1997) apud Costa (2006) diz que essas relações devem-se à emergência de paradigmas provenientes de mudanças de ordem econômica, técnica, cultural e social.

As pessoas procuram por atividades para complementar suas rotinas, realizar exercícios ou até mesmo como uma forma mais complexa de encontrar questões ou atividades que imprimam alguns sentidos a sua vida, neste amplo e difuso campo de possibilidades, as AFAN são um meio de associar atividade física, meio urbano e meio ambiente. Costa (2006) citando Bento (1997) completa esse raciocínio que essas novas relações refletem em novas expressões, entre elas as esportivas, as AFAN como exemplo, existindo, assim, a necessidade de novos conceitos de cidade, de natureza e de qualidade de vida, a fim de associar o esporte à natureza e buscar uma reflexão sobre a cidade como um local para o cidadão morar, se divertir, ter lazer e viver em harmonia.

Por questões econômico-financeiras ou ainda por questões de preferência, academia, por exemplo, não pode ser considerada como uma opção que atenda a todos, embora seja um local bastante convencional para realização de atividades e que tenha muitos adeptos. Neste contexto ganham espaço as AFAN para pessoas que querem fugir da lógica da academia, ou ainda mesmo como forma de complementação. “Os praticantes de atividades físicas de aventura na natureza buscam fugir dos padrões da sociedade através da mudança de hábitos.” (CARVALHO; RIERA, 1995 apud COSTA, 2006).

Costa (2006) define as AFAN como [...] práticas individualizadas que se fundamentam em condutas motoras como, por exemplo, deslizar sobre superfícies naturais. O equilíbrio para evitar a queda e a velocidade de deslizamento, aproveitando as energias livres da natureza [...] Costa (2006) também complementa com as definições de Bétran (1995) características importantes das AFAN, “o prazer, a emoção, a diversão e a aventura destinada de maneira individualizada, ainda que em companhia de outros, muitas vezes em cooperação e sem distinção de sexo, idade ou nível, são elementos que identificam as AFAN.”.

As AFAN além de proporcionarem atividade física em si, estão na maioria das vezes diretamente relacionadas ao contato com a natureza. Pessoas que procuram por essas atividades terão em sua rotina a inserção do meio ambiente de forma mais ativa, por ser seu novo ambiente de convívio em determinado momento do dia, fugindo um pouco da rotina urbana. Um ponto positivo nessa realidade mais próxima ao meio ambiente é a possibilidade de aflorar uma forma de consciência ecológica a partir deste contato direto com a natureza, querendo preservá-la. “[...] os praticantes se tornam os responsáveis pelo manejo das trilhas utilizadas com mais frequência, contribuindo para a sustentabilidade dos locais de prática.” (COSTA; REPPOLD FILHO, 2015).

A consciência ecológica é algo que entendemos como algo muito importante a ser resgatado ou despertado nas pessoas, posto que a educação ambiental pode ser um instrumento fundamental para auxiliar que cada um tenha a preocupação, cuidado e respeito com o ambiente de convívio.

[...] AFAN podem trazer diversas contribuições para o meio ambiente caso geridas adequadamente. Em uma perspectiva transversal, estas atividades podem contribuir para a manutenção e preservação dos ambientes naturais, e quando associadas a intervenções pedagógicas em educação ambiental podem gerar um processo de aprendizagem sobre o meio ambiente estimulando uma maior consciência ambiental. (COSTA; REPPOLD FILHO, 2015).

O Rio de Janeiro é um ambiente privilegiado em relação ao contato com a natureza, porém as políticas públicas direcionadas para preservação não são suficientes. Embora seja possível apontar como pano de fundo dessas atividades ao ar livre um cenário belíssimo, também se faz necessário apontar a existência de um grande acúmulo de lixo nas ruas, praças, lagoas, parques, florestas, rios e mares, muita poluição e degradação ambiental. As AFAN podem ser um instrumento de percepção mais apurada e realista ambiente que vivemos e podem despertar o senso mais crítico de cuidado nas pessoas que a praticam.

O desenvolvimento das atividades físicas de aventura na natureza envolve diversos setores da sociedade. Estas atividades, quando bem realizadas, trazem benefícios aos seus praticantes e ao meio ambiente e estimulam o desenvolvimento turístico e econômico das regiões onde são praticadas. (COSTA, 2006).

Políticas públicas associadas a educação ambiental são fatores que podem influenciar de forma positiva a percepção das pessoas em relação ao ambiente que estão inseridas. As AFAN podem ser uma ferramenta, desde que bem trabalhadas e bem aproveitadas pelas pessoas envolvidas, e que podem trazer bons resultados para o cenário do Rio de Janeiro, mas fundamentalmente para as pessoas envolvidas. O Ministério do Meio Ambiente define políticas públicas como:

[...] são conjuntos de programas, ações e atividades desenvolvidas pelo Estado diretamente ou indiretamente, com a participação de entes públicos ou privados, que visam assegurar determinado direito de cidadania, de forma difusa ou para determinado segmento social, cultural, étnico ou econômico.

Além de apresentar uma definição desse conceito, o Ministério do Meio Ambiente também cita um exemplo de política pública que se enquadra no assunto abordado: “O meio ambiente é também reconhecido como um direito de todos e a ele corresponde a Política Nacional do Meio Ambiente, instituída pela Lei Federal n.º 6.938.”. Souza (2006) resume políticas públicas como “campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, ‘colocar o governo em ação’ e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente).”.

Se analisarmos o potencial das AFAN é possível inferir que haja um efetivo potencial de influenciar nas questões relacionadas ao turismo, de forma mais direta, ou mesmo com as questões econômicas, embora não seja uma influência que se pretenda determinante, entre outros. Segundo Costa (2006) os aspectos benéficos ligados à realização das atividades físicas de aventura na natureza são diversos e de grande importância, influenciando diretamente o desenvolvimento sócio econômico de lugares que incentivam

essa atividade. O Rio de Janeiro tem características que facilitam a prática dessas atividades por ser considerado um estado com diversas e belas paisagens naturais, segundo Butler e Prentice (1997) citados por Salvati (2001) as taxas de crescimento do turismo mundial provocam um aumento na demanda e oferta de destinos turísticos com atrativos naturais, históricos e culturais. Portanto podem servir tanto para a expansão econômica como também para a maior conscientização da população e turistas sobre o meio ambiente.

É uma forma de conhecer melhor o Estado do Rio, tanto para o turista como para o morador do Estado que não conhece muitos desses lugares, mas é importante lembrar que essas atividades também podem gerar impactos ambientais negativos. Em especial a partir de uma lógica de visitação predatória ou descuidada nos locais de realização dessas atividades, sem um planejamento mais adequado de políticas públicas por parte dos órgãos que deveriam fiscalizar e implementar essas políticas. As AFAN sem políticas de conscientização podem piorar o estado de degradação do ambiente a ser visitado, bem como de seus arredores. Por isso é importante que a prática seja seguida de políticas públicas do espaço usado e da educação ambiental despertada nas pessoas. O Estado tem papel fundamental em garantir a preservação do seu território.

[...] necessidade de implantação de programas de educação ambiental. Esses programas, integrados à prática das atividades físicas de aventura na natureza, podem trazer inúmeros benefícios para os praticantes e, principalmente, para o meio ambiente, visto que os ambientes naturais são adequados para a sensibilização e para o aprofundamento dos conhecimentos sobre a natureza. (COSTA, 2006).

As AFAN são variadas, mas apenas para trazer alguns exemplos, podemos citar: Montanhismo ou alpinismo, cicloturismo, *Mountain bike*, orientação, caminhada (*heking*) ou *trekking*, *rafting*, *cascading*, corrida, escalada, mergulho, surf, entre outros.

Um aspecto importante que pode ser observado na iniciação dessas atividades é a satisfação pessoal que ela pode proporcionar, seja com o contato com a natureza ou a elaboração de objetivos e o cumprimento deles. A simplicidade da atividade é uma característica bastante marcante em várias dessas atividades, visto que não precisa nada muito além de condições adequadas para realização e vontade de realizar as atividades, desde a mais complexa a mais simples, é em linhas gerais, bastante democrático e acessível.

Munhoz e Gonçalves Junior (2004) ao citarem as classificações de Betrán (2003), destacam dentre as cinco divisões que o autor usa para caracterizar as AFAN:

Quadro 1 – 2º Divisão das AFAN

Ambiente pessoal: relacionado às emoções, sensações e vivências pessoais durante a prática da atividade. São três os critérios:	
Dimensão emocional	Hedonistas (que não precisa de um condicionamento físico para praticar e gera sensações de prazer e bem-estar); e ascéticas (necessita de um condicionamento físico).
Sensação	Sensação de paz e harmonia; e sensação de risco/vertigem.
Recursos biotecnológicos	Foram separados quatro critérios. Artefatos mecânicos/tecnológicos (aparelhos adaptados para o homem e necessita de energia humana); artefatos de motor (necessita de energia de propulsão para funcionar); corpo (auxiliado por complementos para possibilitar a prática da atividade); animais (realizadas com a ajuda ou suporte de animais).

Fonte: BETRÁN, 2003

As AFAN podem auxiliar consideravelmente, desde que bem planejadas e implementadas, no desenvolvimento econômico e social do Rio de Janeiro, como apontado anteriormente, mas também podem trazer impactos positivos na vida das pessoas. A associação de bem estar com atividades físicas é importante para a saúde emocional da população, em especial para aquela parcela que está em busca de uma melhor condição de saúde e que permita a busca de um melhor “estado de espírito”, importante ressaltar que a saúde que é mencionada no trabalho é aquela para além da doença, podemos definir saúde como “um estado de amplo bem-estar físico, mental e social, e não somente a ausência de doenças e enfermidades.” (Organização Mundial de Saúde, 2006 apud ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2012).

2.2 TRILHAS

Atualmente, ao pensarmos em uma lógica de caminhadas por trechos demarcados que darão em algum lugar para se visitar, é possível inferir que um conjunto considerável de pessoas consiga associar a ideia de “fazer uma trilha”. Aqui serão apresentadas algumas definições dos conceitos de trilha bem como apresentaremos outros termos importantes para a compreensão dessa atividade de forma mais ampla.

O ato de realizar uma caminhada ao ar livre, conhecido como “trilha” pode ser entendido de duas maneiras: *trekking* e *hiking*, que são modalidades de trilha. Segundo o dicionário brasileiro de língua portuguesa o termo “trilha” significa um caminho estreito, entre vegetação; caminho a seguir; exemplo a ser imitado; modelo. A trilha seria o caminho pré-definido por onde as pessoas irão passar pelo trecho demarcado para direcionar.

Podemos ver também o termo “trilhar” no dicionário brasileiro de língua portuguesa, segundo ele, o ato de trilhar seria o de percorrer determinada direção, caminho; abrir trilha em; franquear caminho, passagem; percorrer caminho sinalizando com rastros, vestígios, pegadas. A diferença entre trilha e trilhar é na conotação que o senso comum das pessoas está acostumado a usar. O termo trilha na sua real função está associado ao caminho que será percorrido, e o termo trilhar na sua real função está associado a abrir esse caminho que depois de aberto e demarcado vira uma trilha. Mas essa atividade é popularmente conhecida como “trilha”, “fazer uma trilha”.

Hiking é uma palavra de origem estadunidense que é usada em sua forma original, mas uma tradução livre poderia ser representada como caminhada. *Hiking* é uma modalidade de caminhada e seria uma caminhada mais leve, “uma trilha leve”. A maioria das pessoas que praticam “trilha” de forma mais informal e como um lazer leve estariam inseridas nessa modalidade. Segundo Pellegrini Filho (2000, p. 127), o *hiking* é uma caminhada curta, normalmente de um só dia, sem pernoite na trilha.

São trilhas mais simples, que não costumam exigir muito dos caminhantes, pode ser longa, mas não ultrapassa mais de um dia, sem muitos obstáculos. São locais de fácil acesso, conhecidos por outros praticantes e que podem possuir uma boa estrutura.

Trekking é uma palavra de origem sul-africana, também é usada na sua forma original e pouco mais conhecida que *Hiking*, traduzida seria algo em torno de caminhada também. A atividade de *trekking* é mais complexa que de *hiking*, pois exige mais do praticante.

[...] consiste na realização de caminhadas, em trilhas ou não, onde o turista carrega seu próprio equipamento em mochilas especiais. Próprio para contemplar paisagens, como cascatas, montanhas, praias, além da observação da fauna ou flora. O local visitado é muitas vezes, acidentado ou desportivo de acesso, e a caminhada é a única alternativa para chegar até ele. (GOIDANICH, 2000, p. 12 apud ZANONI, STEFANO, 2005).

Outra definição interessante do *trekking* que configura bem sua especificidade em relação ao maior esforço, equipamentos e tempo:

Caminhada ou jornada árdua, difícil, onde a rota escolhida sempre apresenta acidentes geográficos, seja qual for a distância percorrida. O *trekking* começa no seu último contato com a cidade e termina a partir do momento que você percebe que precisa usar equipamentos de escalada. Comumente é possível alcançar alguns picos fazendo *trekking* sem a utilização dos equipamentos de escalada. (PENTEADO, 1993).

Os dois termos são pouco conhecidos pelas pessoas no Brasil, porém o *trekking* tem uma maior familiaridade com os praticantes de atividades ao ar livre. As duas modalidades são caracterizadas pela caminhada, e podem ser resumidas basicamente ao ato de caminhar ou ainda ao ato de “trilhar”, são, ainda, atividades físicas que demandam certa resistência de quem irá praticar, dependendo sempre da dificuldade da trilha a ser seguida.

“Diferenças a parte, nas duas atividades há contato direto com a natureza, sejam em matas, campos, florestas, cerrados, cavernas e até vulcões. Quem gosta da natureza, tem que praticar uma das atividades.” (KASONISCS, 2014). O contato direto com a natureza é uma característica comum a essas modalidades como em qualquer outra atividade ao ar livre. Quem busca por uma trilha, conseqüentemente irá achar maior contato com a natureza, além de desenvolver outras motivações pela atividade.

A caminhada em si não faz sentido a não ser que esteja acompanhada de alguma motivação, seja ela física ou psíquica. Podemos ir mais longe e dizer que o ato de caminhar também pode transcender estas questões e ser uma forma de relaxamento, prazer, convívio com a natureza ou consigo mesmo. (ENDURO DE AVENTURA, 2011, não paginado).

Fazendo uma breve comparação entre as modalidades, temos o seguinte quadro de exemplo.

Quadro 2 – Comparações *Hiking* x *Trekking*

Atributos	<i>Hiking</i>	<i>Trekking</i>
Impacto Ambiental	Os trilheiros ao longo de muitos anos podem destruir o ambiente natural, mesmo utilizando-se de trilhas autoguiadas. Os incêndios e os objetos não biodegradáveis são os principais inimigos da atividade.	Igualmente ao <i>Hiking</i> , o <i>Trekking</i> também pode ser um grande inimigo da natureza. Além de todo o material inorgânico produzido durante uma expedição, há também outros inimigos, como produtos de higiene pessoal não biodegradável, mais precisamente xampu e sabonete – utilizados em cachoeiras e rios.
Locais	Normalmente em ambientes naturais, trilhas auto guiadas e morros.	Em áreas onde não há meios de transporte e áreas de grande beleza natural. Normalmente em áreas montanhosas e grande vegetação.
Equipamentos	Depende do clima e terreno. Tênis/bota de caminhada, água, pequena quantidade de comida e mochila de ataque. Pode conter também pequenos objetos,	Kit de sobrevivência, mochila cargueira, alimentos para mais de 1 dia, botas, equipamentos de camping e roupas aplicáveis às mudanças de temperatura.
Visão Global	Atividade ao ar livre, geralmente em ambientes naturais. Tempo máximo de	Pode ser uma longa jornada em caminhos não planejados. Podem durar vários dias e

	1 dia.	possui um objetivo/desafio. É mais intenso que o <i>hiking</i> .
Diferenças Mundiais	No Brasil o nome não é ainda utilizado. O termo caminhada é usado por diferentes nomes em vários países. O <i>hiking</i> deverá ganhar força nos próximos anos.	<i>Trekking</i> já é mais difundido, mas ainda confundido com montanhismo e com caminhada de curta duração.

Fonte: KOSONICS, 2014. <http://www.seumochilao.com.br/diferenca-entre-hiking-e-trekking/>

A trilha pode representar um momento fora do cotidiano urbano, de contato com a natureza, de uma atividade prazerosa em que naquele momento a pessoa está imersa, com o objetivo que pode estar correlacionado a realização de uma caminhada, atividade aeróbica ou de chegar ao final e contemplar a vista.

Em meio a uma cidade que tem um custo de vida cada vez mais alto e excludente, a trilha é uma possibilidade que pode ser entendida como bastante aprazível e que traz diversos benefícios, como citado anteriormente sobre o contato com a natureza, e que também pode proporcionar uma rotina de atividades físicas que contribuam para uma melhora na qualidade de vida e em uma condição mais saudável, quer seja a partir de uma melhora nas condições físicas ou psicológicas, além de uma maior conscientização sobre a necessidade de uma relação mais respeitosa e harmônica com o ambiente em que estamos mais diretamente ligados, assim como manter o local de forma conservada e limpa. O que pode proporcionar uma forte satisfação pessoal por realizar atividades em um local fora do ambiente tradicional, além de locais habitualmente mais calmos, bonitos e que nos coloquem em contato com a natureza.

Outra característica é a possibilidade de o praticamente passar a buscar novos desafios, tendo em vista que iniciando em trilhas fáceis aos poucos poderá subir o nível das caminhadas e dificuldades das trilhas. É um exercício de buscar sempre o melhor resultado pessoal, superando seus próprios limites, que se espera que reflita de forma positiva na vida das pessoas e em sua rotina.

Esse “pacote” de influencias pode modificar muito a vida de alguém que procura esse estilo de vida como horizonte. Essa influência pode ser positiva, visto que a atitude será sempre para superar e ser alguém melhor.

“[...] preservação e conservação do meio ambiente é uma tarefa de todos, onde cada um pode e deve fazer a sua parte, pensando nas gerações atuais e futuras.” (ALMADA; BERNARDES, 2015). Espírito de equipe e cuidar do meio ambiente são características de crescem com a prática de esportes ao ar livre. Os praticantes dessas atividades estarão rodeados por outras pessoas que gostam de coisas em comum, e o pensamento de querer preservar o local das atividades é importante, pois sem ele não há nada. E também passar essa conscientização para outras pessoas de convívio, tornando algo grande.

No geral, a trilha se caracteriza por ser um caminho demarcado anteriormente que, por exemplo, no caso do Rio de Janeiro, costuma ser marcado por caminhos abertos que irão acabar em alguma bela praia, ou em algum ponto alto do Estado, proporcionando uma bela visão de uma parte do Estado. O trajeto do início da trilha até seu final pode ser compreendido por muitos praticantes como uma atividade de lazer, que indiretamente nos proporciona um bem estar por presenciar coisas belas.

Cenários naturais são admirados pelas pessoas, que podem parar para observar sua beleza e suas características singulares, o que costuma ser uma atividade bastante prazerosa “A Percepção é o conhecimento que adquirimos através do contato atual, direto e imediato com os objetos e com os movimentos, dentro do campo sensorial [...] Quando se trata da percepção ambiental o que mais interessa é a visão”. (OLIVEIRA; MACHADO, 2004, p. 132 apud COSTA; MELLO 2005).

As trilhas podem ser vistas a partir de dois principais propósitos: um lazer livre, com o simples intuito de apenas levar ao local que deseja chegar ou com uma função ecológica. “Trilhas não possuem somente a finalidade de instruir, mas também a de provocar e despertar a consciência ecológica.” (EMBRAPA 2007, p. 09 apud ALMADA; BERNARDES, 2015). E o outro propósito é de entender o papel de uma trilha e a influência do meio ambiente nela de forma direta é importante para a atual sociedade consumista e descontrolada que estamos inseridos. Vivemos em um mundo onde se pensa pouco nas consequências de não cuidar do meio ambiente.

Associar trilha, educação e conscientização ambiental é muito simples, com isso podemos ter o exemplo das trilhas ecológicas.

[...] trilha ecológica, é uma prática eco turística que tem como finalidade a prática de esporte e, principalmente, sensibilizar o visitante, levando-o a observar, sentir, experimentar, questionar, refletir e descobrir o ambiente. E quando bem planejadas e devidamente mantidas, protegem o ambiente dos impactos de seu uso, além de proporcionar aos visitantes maior conforto, segurança e conscientização ambiental. (SILVEIRA, 2009 apud ALMADA; BERNARDES, 2015).

Ao estarem inseridos em determinado ambiente, muitos dos praticantes de trilhas se sentem responsáveis por aquele local, o que é importante, pois, a preocupação com a preservação ao meio ambiente e ao espaço que vive, se faz necessário e espera-se que esse sentimento seja despertado em outras pessoas para que haja uma educação ambiental em grande parte da população. “A Educação Ambiental deve estar presente no dia a dia das pessoas, em busca de uma melhor qualidade de vida e, conseqüentemente, aprendendo a cuidar da natureza.” (ALMADA; BERNARDES, 2015). No site do Ministério do ambiente há uma lista com definições acerca da educação ambiental. Uma das definições é regida pela Lei 9.795/99 de 27 de abril de 1999, que define em seu Art. 1º educação ambiental como:

[...] os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Outra definição interessante também sobre o tema é do autor Layrargues (2002) que abre uma discussão mais profunda do que seria educação ambiental.

Educação Ambiental crítica é um processo educativo eminentemente político, que visa o desenvolvimento nos educandos de uma consciência crítica acerca das instituições, atores e fatores sociais geradores de riscos e respectivos conflitos sócio ambientais. Busca uma estratégia pedagógica do enfrentamento de tais conflitos a partir de meios coletivos de exercício da cidadania, pautados na criação de demandas por políticas públicas participativas conforme requer a gestão ambiental democrática.

Educação ambiental é uma ferramenta fundamental para a população que deve ser usada pelo Estado como forma a conscientizar as pessoas do espaço em que vivem. Cabe ao Estado também fornecer estrutura para que o ambiente não se degrade por ações externas. Por exemplo, limpeza das ruas, saneamento básico, regulamentação da utilização dos espaços verdes e sua preservação, entre outros. Importante ressaltar que cabe a população exigir do poder público a realização de políticas públicas que atendam de forma adequada ao conjunto da população, mas também é necessário entender que precisa auxiliar no papel consciente de não poluir, cuidar da sua cidade, não desmatar e usar praças e praias sem destruí-las.

Existem muitos meios de inserir a educação ambiental na vida das pessoas, e as trilhas ecológicas, por exemplo, podem ser usadas como uma das ferramentas para isso, “[...] as trilhas ecológicas estão previstas dentro da Política Nacional de Educação Ambiental, [...] e existe reconhecimento público da sua importância como ferramenta de educação, interpretação, comunicação e conscientização ambiental.” (VASCONCELLOS, 2006 apud ROCHA; BARBOSA; ABESSA; 2010).

Uma questão importante a se tratar é a segurança, especialmente tratando-se de Rio de Janeiro, posto que é possível observar que a fiscalização não é suficiente para suprir as necessidades dos locais, é possível analisar que há uma sensação de lacunas nas pessoas que praticam a atividade e quando alguma providência é tomada, é superficial ou temporária.

Devido aos diversos assaltos que ocorreram nas últimas semanas na área do Parque Nacional da Tijuca, a FEMERJ enviou um ofício, em 16/05/16, solicitando providências ao Grupamento de Defesa Ambiental da Guarda Municipal (GDA), de Comando de Patrulhamento Ambiental da PMERJ (CPAM) e Batalhão de Policiamento de Áreas Turísticas (BPTur). (FEMERJ, 2016).

Assaltos são constantemente notificados, e isso pode fazer com que as pessoas percam a vontade de continuar a praticar a atividade, “[...] um dos participantes do grupo Trilhas Gratuitas RJ, criado em uma rede social, avisou que, em razão dos frequentes relatos de assaltos na Pedra da Gávea e na Pedra Bonita, a partir de agora, alguns percursos serão evitados.” (RUBIM, 2014).

Situação esta que pode ser mais identificada a trilhas mais conhecidas como Morro dois Irmãos, Pedra da Gávea, Pedra Bonita, Pedra do Telégrafo, Morro dos Cabritos, entre outros. Trilhas no perímetro urbano e de fácil acesso. É importante implementar políticas públicas que abranjam o local dessas atividades, visto que com o seu possível crescimento, é possível que cresça também a falta de segurança. Vale acrescentar que apenas a ideia de mais polícia e repressão não irá suprir da melhor maneira as demandas por segurança, e sim a presença efetiva do Estado através de políticas públicas que incorporem sim, inclusive, um efetivo de policiamento com preparação específica para atuar nesta área.

Outra questão importante é a segurança das mulheres, segundo o site da Uol, a Secretaria de Saúde do Distrito Federal divulgou um levantamento de dados que mostram que a violência contra a mulher é cerca de três vezes maior que contra o gênero masculino. Se a violência contra a mulher é mais recorrente na sociedade em geral, no seu dia a dia, em trilhas isso não seria diferente, e estas mulheres estarão suscetíveis a maiores perigos nas trilhas. O assédio é maior ao público feminino e isso causa uma maior sensação de insegurança e medo, por questões além do assalto, como por exemplo, em especial o medo da violência sexual.

Situação esta que acaba gerando uma situação bem desagradável para as mulheres, pois acaba sendo recorrente, que como forma de autopreservação, se acabe optando pela presença, quase que obrigatória, de homens em algumas trilhas que são realizadas em locais mais remotos ou afastados. O que por si só não resolve o problema desse tipo de violência específica a que as mulheres acabam sendo as maiores vítimas, mas o que sem dúvida reduz,

ao menos, a sensação de insegurança. E se a ideia de as mulheres realizarem trilhas em grupo, apenas por mulheres, pode causar dentre as mesmas uma preocupação real, mais grave e preocupante ainda é o de as mulheres que decidem realizar essa atividade sozinha, o que não deveria ser algo que dependesse de companhia, muito menos de uma presença forçada de homens. Importante reforçar que a perspectiva de políticas públicas e da presença efetiva do Estado, e não apenas a simples presença de policiamento é o que poderá ajudar nesta questão que não é, muito menos pouco relevante.

3 RIO DE JANEIRO COMO CENÁRIO DE ATIVIDADES AO AR LIVRE

O Estado do Rio de Janeiro, sempre foi um lugar lembrado por suas belezas naturais, principalmente pelas praias e clima quente. Moradores e turistas aproveitam o Estado e visitam diversos dos principais e mais conhecidos pontos turísticos que sempre estão voltados para a paisagem verde do Rio. Segundo Irving, Corrêa e Moraes (2011) a beleza do Rio de Janeiro e o seu patrimônio natural são apontados como sua principal marca, sua exuberante natureza e as praias são entendidas como os seus principais encantos.

É possível ver no meio urbano do Rio de Janeiro uma boa presença da vegetação, mesmo que em menor quantidade em comparação ao que o Estado já possuiu, “estimativas apontam que, por volta do século XVI, a cidade possuía cobertura florestal em 97% do território.” (ARAÚJO, 2015). A mata Atlântica é o ecossistema predominante no Estado do Rio de Janeiro, “[...] todo o estado do Rio de Janeiro, estão completamente inseridos na Mata Atlântica.” (ARAÚJO, 2015). “A Mata Atlântica é simultaneamente um dos biomas mais ricos em biodiversidade e mais ameaçados do planeta.” (INEA, 2015). O estado sofreu ao longo dos anos desmatamento e degradações, as últimas pesquisas feitas pela Fundação SOS Mata Atlântica e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que o estado tem hoje 30,7% (cerca de 1,3 milhão de hectares) de sua Mata Atlântica original.

Mesmo com essa parcela da vegetação reduzida, o Estado possui um cenário que ainda é considerado “natural”, “[...] o estado do Rio tem 18,6% de sua área coberta por remanescentes florestais [...]” (Portal Brasil, 2015). “[...] unidades de conservação da natureza (UCs) em todo o Estado do Rio de Janeiro, que protegem amostras representativas de todos os ecossistemas nativos associados à Mata Atlântica [...]” (INEA). O Estado tem um número considerável de unidades de conservação (UC), e de acordo com o INEA são 36 unidades ao todo, as quais auxiliam a preservação das áreas naturais do Estado. Com o passar do tempo áreas naturais foram destruídas e a necessidade da preservação desses espaços é fundamental para garantir a continuidade do ecossistema que vivemos. Para alcançar esse objetivo, segundo o Ministério do Meio Ambiente, foi instituído o Sistema Nacional de Conservação da Natureza (SNUC), com a promulgação da Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. O SNUC representou grandes avanços com relação à criação e gestão das UC nas três esferas de governo (federal, estadual e municipal), pois ele possibilita uma visão de conjunto das áreas naturais a serem preservadas, uma vez que todas as esferas estão interagindo entre si. O Ministério do Meio Ambiente define as UCs como:

[...] espaços territoriais, incluindo seus recursos ambientais, com características naturais relevantes, que têm a função de assegurar a representatividade de amostras significativas e ecologicamente viáveis das diferentes populações, habitats e ecossistemas do território nacional e das águas jurisdicionais, preservando o patrimônio biológico existente. As UC asseguram às populações tradicionais o uso sustentável dos recursos naturais de forma racional e ainda propiciam às comunidades do entorno o desenvolvimento de atividades econômicas sustentáveis. Estas áreas estão sujeitas a normas e regras especiais. São legalmente criadas pelos governos federal, estaduais e municipais, após a realização de estudos técnicos dos espaços propostos e, quando necessário, consulta à população. (BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, 2016).

As UCs dividem-se em dois grupos:

Quadro 3 – Divisão das UCs

Unidades de Proteção Integral	Unidades de Uso Sustentável
<p>A proteção da natureza é o principal objetivo dessas unidades, por isso as regras e normas são mais restritivas. Nesse grupo é permitido apenas o uso indireto dos recursos naturais; ou seja, aquele que não envolve consumo, coleta ou dano aos recursos naturais.</p> <p>Exemplos de atividades de uso indireto dos recursos naturais são: recreação em contato com a natureza, turismo ecológico, pesquisa científica, educação e interpretação ambiental, entre outras.</p>	<p>São áreas que visam conciliar a conservação da natureza com o uso sustentável dos recursos naturais. Nesse grupo, atividades que envolvem coleta e uso dos recursos naturais são permitidas, mas desde que praticadas de uma forma que a perenidade dos recursos ambientais renováveis e dos processos ecológicos esteja assegurada.</p>
<p>As categorias de proteção integral são: estação ecológica, reserva biológica, parque, monumento natural e refúgio de vida silvestre.</p>	<p>As categorias de uso sustentável são: área de relevante interesse ecológico, floresta nacional, reserva de fauna, reserva de desenvolvimento sustentável, reserva extrativista, área de proteção ambiental (APA) e reserva particular do patrimônio natural (RPPN).</p>

<p>Finalidades de sua criação: preservação da biodiversidade, das paisagens naturais e de amostras dos ecossistemas nativos e oferecimento de oportunidades para pesquisa científica, visitação e difusão de conhecimentos, de recreação em contato com a natureza.</p>	<p>Finalidades de sua criação: geração de oportunidades de empregos e negócios associados ao turismo em todas as suas formas, possibilitando o uso permanente e sustentável dos recursos naturais no atendimento das demandas da população humana.</p>
---	--

Fonte: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Divisão das UCs. Brasília, DF, 2016.

As UCs têm um papel importante na preservação do meio ambiente, nela estão inseridos diversos ecossistemas que precisam de um acompanhamento especial, No Rio de Janeiro, segundo o INEA:

[...] os parques estaduais têm atrativos naturais de excepcional beleza, como praias, maciços rochosos, rios, poços e cachoeiras, capazes de deslumbrar os visitantes mais exigentes e de oferecer opções de lazer e aventura para todos os gostos, desde família as que queiram desfrutar um final de semana tranquilo em contato com a natureza até praticantes de esportes de aventura desejosos de testar suas habilidades no ambiente natural em atividades como caminhadas, escaladas em rocha, voo livre, surfe, canoagem, mergulho e tantas outras.

Essas áreas podem proporcionar locais onde moradores e turistas podem usufruir para diversos fins, respeitando sempre a natureza, mantendo o lugar limpo, criando o hábito de preservar o local que vivemos. No âmbito estadual temos as seguintes UCs:

- a) Parque Estadual da Costa do Sol
- b) Parque Estadual Cunhambebe
- c) Parque Estadual da Chacrinha
- d) Parque Estadual da Ilha Grande
- e) Parque Estadual da Lagoa do Açú
- f) Parque Estadual da Pedra Branca
- g) Parque Estadual da Pedra Selada
- h) Parque Estadual da Serra da Concórdia
- i) Parque Estadual da Serra da Tiririca
- j) Parque Estadual do Desengano
- k) Parque Estadual do Grajaú
- l) Parque Estadual do Mendanha
- m) Parque Estadual dos Três Picos

- n) Refúgio de Vida Silvestre Estadual do Médio Paraíba
- o) Refúgio de Vida Silvestre Estadual Lagoa da Turfeira
- p) Estação Ecológica Estadual de Guaxindiba
- q) Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul
- r) Reserva Biológica Estadual de Araras
- s) Reserva Biológica Estadual de Guaratiba
- t) Reserva Ecológica Estadual da Juatinga
- u) APA da Bacia dos Frades
- v) APA da Bacia do Rio Macacu
- w) APA da Serra de Sapatiba
- x) APA de Gericinó-Mendanha
- y) APA de Macaé de Cima
- z) APA de Mangaratiba
- aa) APA de Maricá
- bb) APA de Massambaba
- cc) APA de Tamoios
- dd) APA do Alto Iguçu
- ee) APA do Pau-Brasil
- ff) APA do Rio Guandu
- gg) APA de Sepetiba II
- hh) Floresta Estadual José Zago
- ii) Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Aventureiro
- jj) Reserva Extrativista Marinha de Itaipu

O Estado do Rio de Janeiro possui também UCs federais, ambas UCs são importantes para o desenvolvimento do ecossistema natural do Estado, conforme mapa no Anexo A. Proporcionam um local onde seus visitantes possam ter contato com o meio ambiente e praticar suas atividades de forma segura e sem afetar o meio ambiente, com normas que regulamentam as atividades das UCs para que haja sempre equilíbrio na forma com que o espaço é aproveitado. É importante observar que nem todas as UCs têm plena gestão e planejamento do que se espera das UCs, falhas podem ocorrer o que pode interferir na funcionalidade dos seus objetivos.

As unidades que possuem plano de manejo, com programa de uso público definido, possuem estratégias de ação para a correta condução da visitação, embora em alguns casos não a efetue de maneira plenamente satisfatória, ao contrário das unidades desprovidas daquele documento básico, norteador do

manejo e gestão de toda a área legalmente protegida. Nas unidades sem plano, as práticas ditas eco turísticas são realizadas aleatoriamente, promovidas por agentes externos à administração da unidade, sem o devido acompanhamento do que está sendo efetivamente realizado. (COSTA; et. al., 2011).

“[...] a visitação às UCs tem aumentado muito nos últimos anos, em virtude da popularidade que o turismo ecológico vem alcançando [...]” (LEUZINGER, 2012). As UCs são bastante usadas para praticantes de atividades ou esportes na natureza, é importante a segurança pessoal na prática dessas atividades, as UCs além de ser uma ferramenta que visa proporcionar a preservação do meio ambiente, também conscientizam os visitantes dos usos dos espaços, por exemplo, para pessoas que buscam as atividades na natureza. Cartilha do INEA para praticantes de atividades na natureza:

A prática de atividades recreativas e esportivas em áreas naturais sempre oferece riscos, inclusive dentro de parques públicos. Antes de se lançar a uma destas atividades, especialmente os chamados esportes de aventura (caminhada, escalada, vôo livre, mergulho, canoagem, surfe etc.), informe-se bem sobre as dificuldades e os riscos envolvidos e, caso não esteja seguro sobre sua condição física e psicológica, não hesite em recorrer a alguém mais experiente, amador ou profissional, para conduzi-lo.

Mas é necessária também a preocupação com o ambiente da pratica das atividades, por exemplo, as trilhas, “falta de planejamento, em muitos casos a abertura de trilhas resulta em impactos significativos ao ambiente natural, aumentando os custos de manutenção da unidade” (LECHNER, 2006 apud LEUZINGER, 2012). Segundo Leuzinger (2012) como a visitação às UCs se intensificou nos últimos anos, em virtude da popularidade alcançada pelo turismo ecológico, tornou-se indispensável reforçar a conciliação necessária do uso público com preservação da biodiversidade e demais recursos naturais encontrados nos espaços ambientais. Aponta também que o planejamento é fundamental, pois os riscos que a visitação acarreta devem ser o mínimo possível, devendo ser considerado a sustentabilidade das trilhas, para que as expectativas dos visitantes sejam plenamente atendidas e, ao mesmo tempo, o ambiente natural seja resguardado.

4 FONTES DE INFORMAÇÃO

Informação é algo que procuramos quando precisamos saber mais sobre alguma coisa, um lugar, ou para sanar uma dúvida. Segundo Le Coadic (1996), informação é um conhecimento inscrito sob a forma escrita, oral ou audiovisual, comporta um elemento de sentido, transmite significado. Precisamos de informação para poder suprir nossas curiosidades, tomadas de decisão, estudos e também para expandir nosso conhecimento, “O conceito de informação como usado na linguagem cotidiana, no sentido de conhecimento comunicado, tem um importante papel na sociedade contemporânea.” (CAPURRO; HJORLAND, 2007).

O conceito de informação vai além de delimitar o que ela é, posto que discutem sua complexidade. Segundo Capurro e Hjørland (2007), na Ciência da Informação (CI) é frequente o levantamento da questão sobre como definir o conceito de informação. Para o presente trabalho, a busca pela informação é um dos objetos de estudo, por que, onde e como as pessoas buscam informações sobre a prática de trilhas no Estado do Rio de Janeiro. Iniciando essa discussão é necessário apontar as possíveis fontes de coleta dessas informações, sendo a internet um canal bem utilizado na maioria das vezes e, segundo Aguiar e Silva (2013), diante desse cenário tecnológico as ferramentas de rede sociais se destacam: “[...] uso de uma variedade de dispositivos tecnológicos e redes sociais para intercambiar informação, realizar comunicação e se socializarem.” (AGUIAR; SILVA, 2013).

Fialho (2014) define redes sociais como redes de comunicação que envolvem uma linguagem simbólica, além de limites culturais, relações de troca e de poder. Para Tomaél e Marteleto (2006 apud AGUIAR; SILVA, 2013), são “[...] um conjunto de pessoas (ou organizações ou outras entidades sociais) conectadas por relacionamentos sociais, motivados pela amizade e por relações de trabalho ou compartilhamento de informações e, por meio dessas ligações, vão construindo e reconstruindo a estrutura social.”.

É importante observar que atualmente ainda somente uma parte da população brasileira tem acesso à internet em casa, “Mais da metade dos domicílios brasileiros passou a ter acesso à internet em 2014, aponta a Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).” (GOMES, 2016). E enquanto isso o maior número de acessos à internet é feito através de dispositivos móveis como, por exemplo, *smatphones*, segundo Gomes (2016), um levantamento realizado pelo

IBGE mostra que apesar de ter ampla presença nos lares brasileiros, os computadores estão sendo deixados de lado.

Além de opções de possíveis fontes de informação que a internet oferece, como por exemplo, *websites*; *blogs* e redes sociais. Temos também fontes impressas, como jornais e revistas, além de informações derivadas de amigos, ou mesmo conhecidos, ainda que em uma conversa. O objetivo de procurar por uma informação é encontrá-la, nesse sentido as fontes de informação são importantes como locais de pesquisa, e os dispositivos que usamos são os suportes usados para chegar até as informações.

O debate entre, por exemplo, as informações sobre trilhas e os usuários que buscam essas informações pode ser exemplificado com o termo Recuperação da Informação, que será objeto de análise da presente pesquisa. Segundo Barth (2010), para os usuários o processo de Recuperação de Informação parte de uma necessidade de obter determinada informação.

[...] Recuperação de Informação é o nome do processo onde um possível usuário de informação pode converter a sua necessidade de informação em uma lista real de citações de documentos armazenados que contenham informações úteis a ele [...] (MOOERS, 1951 apud BARTH, 2010).

Ou seja, é importante uma recuperação de informação eficiente para suprir a necessidade informacional dos usuários que a procuram. Se a informação não estiver acessível o usuário na maioria das vezes não irá encontrá-la, dificultando a comunicação entre informação e usuário. No caso da internet, de forma geral, as informações estão espalhadas de forma aleatória. É importante que haja locais onde os usuários saibam que irão encontrar informações e, além disso, também saber procurá-las. É frequente o uso de grupos de debates em redes sociais, como o Facebook, onde usuários se enquadram em grupos que buscam as mesmas informações, debates, falam sobre assuntos semelhantes.

O aplicativo Instagram, segundo Paula e Garcia (2014), é um aplicativo idealizado para o uso de dispositivos móveis (aparelhos celulares e *tablets* digitais), e oferece mobilidade à fotografia a medida em que os conteúdos são gerados e compartilhados em trânsito, pelo Instagram, os conteúdos fluem para outras mídias sociais, por exemplo, Facebook.

As hashtags (#) utilizadas no aplicativo, adicionadas a uma foto tem grande relevância para organizar o conteúdo imagético. Uma espécie de álbum de fotografias colaborativo que permite observar os conteúdos imagéticos e comunicacionais que surgem. Etiquetam os assuntos da imagem e facilitam buscas, organização e interações. (PAULA; GARCIA, 2014).

Outras mídias sociais também usam as *hashtags* como, por exemplo, o Facebook e o Twitter, como forma de juntar informações com mesmo conteúdo. A imagem está muito presente

nas redes sociais, e é importante analisarmos as fotografias como informação, ou seja, conhecimento registrado. Como exemplo podemos citar o compartilhamento de uma fotografia que é postada com uma determinada *hashtag* ligada ao acontecimento; sendo assim, o usuário poderá pesquisar através da *hashtag* e terá acesso a referida imagem, além de outras relacionadas.

O consumo e a interação, a partir da imagem, atualizam-se com essas novas facilidades tecnológicas. Tais processos simplificam-se e estão disponíveis na ponta do dedo, ao toque. Assim, a fotografia se atualiza. Serve a novos propósitos, aliada a diversão e entretenimento, cada vez mais, pertencente à esfera da comunicação com linguagens e conteúdos nas redes sociais, novos produtores e espectadores, ambos, em um sujeito: o usuário-interator. (PAULA; GARCIA, 2014).

Podemos observar que cada vez mais estaremos inseridos em uma rotina de informações geradas de forma rápida, não necessariamente precisa e confiáveis, em que a convivência em grupos de discussão e redes sociais se fará algo cada vez mais frequente. É importante frisar que mesmo com essa “explosão” de informações, nem sempre será possível achar aquela que realmente é necessária para suprir as necessidades informacionais, elas não estarão necessariamente organizadas e disponíveis da melhor forma possível sempre.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia é dividida em três partes: campo de coleta de dados da pesquisa, as técnicas utilizadas para a coleta e análise dos dados, e a população e amostra utilizadas. São apresentadas as três partes para que seja entendido como foi realizada a pesquisa.

5.1 CAMPO DE PESQUISA

O campo de pesquisa adotado foi o empírico. O campo empírico escolhido para aplicação do questionário foi uma amostra intencional de um universo (ou população) de trilheiros do Rio de Janeiro. Estas pessoas foram escolhidas através de um recorte feito no meio virtual.

5.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Como técnica de coleta de dados, para a elaboração desta bibliografia, foram utilizados como principais fontes de buscas o Google Acadêmico, a base de dados BRAPCI, o Portal da Capes e SCIELO. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “trilhas rio de janeiro”, “rio de janeiro”, “informação”, “trilha ecológica”, “educação ambiental”, “redes sociais”, entre outros, e a busca por referências nos próprios textos utilizados. Segundo Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos e permite ao investigador uma boa cobertura de fenômenos do objeto de pesquisa.

Para a parte empírica, a técnica de coleta de dados utilizada foi um questionário com perguntas abertas e fechadas, que tem como objetivo buscar compreender as características e motivações gerais na busca de informações sobre a prática de trilhas no Rio de Janeiro.

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008).

Este questionário contém um total de 12 perguntas (apêndice A), o qual foi entregue para pessoas que já praticam a atividade de trilhas, o questionário foi elaborado utilizando a ferramenta de formulário do Google e enviados em forma de link via e-mail, whatsapp e

mensagem Direct (Instagram), foi respondido dentro do período de 2 de dezembro a 6 de dezembro de 2016.

Para a análise das informações obtidas, foi utilizada a apresentação dos resultados para as perguntas fechadas “consiste na organização dos dados selecionados de forma a possibilitar a análise sistemática das semelhanças e diferenças” (GIL, 2008), e análise de conteúdo para as perguntas abertas. A análise de conteúdo consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações.” (BARDIN, 1977). Segundo Berelson (1952) apud Gil (2008), análise de conteúdo é uma técnica de investigação que, através da descrição dos dados de forma objetiva e quantitativa, tem por finalidade a interpretação destes mesmos dados, a análise se desenvolve em três fases: (a) pré-análise; (b) exploração do material; e (c) tratamento dos dados, inferência e interpretação (GIL, 2008 apud BARDIN, 1977).

Esta técnica metodológica foi selecionada para ser utilizada nesta pesquisa, pois para as perguntas abertas foi a técnica mais adequada para atender à busca dos resultados da pesquisa. Por fim, para obter-se os resultados, foram analisadas as respostas de cada indivíduo à uma mesma pergunta, e isto ocorrerá em todas as perguntas do questionário. Assim, foi possível encontrar as linhas de pensamento comuns que se destacaram em determinado assunto, o que proporcionou o entendimento geral das respostas.

5.3 POPULAÇÃO/AMOSTRA

Além do recorte de um grupo formado por 20 pessoas praticantes de trilhas. Foi utilizado como critério de seleção, pessoas ativas que estão em evidência nas redes sociais e no meio eletrônico, que possuem um número consideravelmente grande de seguidores e que de certa forma exercem algum tipo de influência em outras pessoas que se interessem pelo assunto.

População: conjunto de trilheiros que compartilham/ trocam/ etc. informações sobre trilhas nas redes sociais que compuseram o campo empírico (virtual) da pesquisa.

Amostra: 20 trilheiros selecionados e que responderam

Técnica de amostragem: amostragem intencional, em que se escolhe as pessoas que possuem as características que se quer estudar hiperdimensionadas.

6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Nesta parte da pesquisa serão apresentadas as perguntas fechadas e abertas que formam o questionário, perguntas essas que estão separadas por tópicos para que sejam analisadas da melhor forma.

Para a realização desta análise, as perguntas fechadas serão reunidas em um mesmo tópico que corresponde a “Apresentação dos resultados das perguntas fechadas”, em seguida serão apresentadas e analisadas as respostas das perguntas abertas, as quais serão subdivididas em tópicos, para que assim, possa ser realizada a análise do conteúdo com suas perguntas e respectivas respostas.

6.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DAS PERGUNTAS FECHADAS

O questionário é constituído de seis perguntas fechadas e seis abertas, nesta categoria estão as análises das seis perguntas fechadas, as quais são: a) Qual seu sexo?; b) Antes de realizar as trilhas, você conhecia essa atividade?; c) Há quanto tempo você realiza essas atividades?; d) De que forma você obtém informações sobre trilhas?; e) Você compartilha as informações sobre as trilhas que realiza?; f) De que forma você compartilha as informações sobre trilhas?

Na primeira pergunta os participantes foram identificados pelo sexo (feminino e masculino), de 20 respondentes, 12 são do sexo feminino e 8 do sexo masculino. A pergunta foi utilizada para identificar o sexo dos participantes.

Na segunda pergunta foi para saber quais dos respondentes conhecia a atividade de trilhar antes de começar essa prática, de 20 respondentes, 17 responderam que já conheciam e 3 responderam que não conheciam a prática de trilhas. A pergunta foi feita para identificar se os praticantes já conheciam a prática de trilhas, podemos observar que nem todos conheciam, logo não é uma prática óbvia, porém boa parte das pessoas conhece.

A terceira pergunta foi direcionada para saber há quanto tempo os respondentes realizam essas atividades. Dos 20 respondentes, 17 responderam que realizam a atividade há mais de 1 ano e 3 responderam que realizam de 6 meses a 1 ano. Essa pergunta foi utilizada para fazer um recorte de tempo que os participantes realizam a atividade, nenhum dos respondentes pratica trilha a menos de 6 meses.

Na quarta pergunta foi perguntando de que forma os respondentes obtém informações sobre trilhas, é uma pergunta que pode ser respondida com mais de uma marcação dentre as opções que são: internet; revista/jornais; amigos; outros, dos 20 respondentes, 19 marcaram a opção “internet”, 5 marcaram “revistas/jornais”, 19 marcaram “amigos” e 3 marcaram “outros”. A pergunta foi feita para identificar as fontes onde os participantes buscam informações sobre a prática de trilhas, às opções “internet” e “amigos” ficaram empatadas em primeira opção mais usadas. Isso mostra que a internet e amigos são meios mais usados para buscar informações sobre a prática de trilha.

Na quinta pergunta foi perguntando se os respondentes compartilham as informações sobre as trilhas que realizam, dos 20 respondentes, todos disseram que sim. A pergunta foi feita para saber se os participantes disseminam as informações que adquirem, podemos observar que todos repassam as informações que possuem.

Por último, a sexta pergunta está interligada com a quinta, pois depende que a resposta da quinta seja positiva (sim) para poder responder a sexta, caso contrário a sexta é pulada, todos os respondentes responderam de forma positiva a quinta, logo todos responderam a sexta, foi perguntado de que forma os respondentes compartilham as informações sobre as trilhas. É também uma pergunta que pode ser respondida com mais de uma marcação dentre as opções que são: facebook; instagram; blog; site; outros. Dos 20 respondentes, 14 responderam “facebook”, 16 responderam “instagram”, 2 responderam “blog”, 1 respondeu “site” e 11 responderam “outros”. A pergunta foi feita para identificar os principais meios que os participantes utilizam para disseminar as informações que possuem sobre trilhas e afins, a maioria aponta o instagram como principal fonte usada, seguido de facebook. Ambos os meios são classificados como redes sociais, ou seja, dentre os participantes o meio mais utilizado para compartilhar informações sobre trilhas são as redes sociais.

6.2 ANÁLISE DAS PERGUNTAS ABERTAS

Abaixo serão analisadas as perguntas abertas, as quais estão divididas em sub tópicos, deste modo foram agrupadas e analisadas as perguntas com temáticas semelhantes com suas respectivas respostas.

6.2.1 ORIGEM DA MOTIVAÇÃO

Neste tópico foram analisadas as respostas de duas perguntas abertas feitas aos respondentes: a) o que você conhecia sobre essa atividade?; b) como surgiu a vontade de iniciar essa atividade e por quê?

Na pergunta A os respondentes foram questionados sobre o que conheciam sobre a atividade das trilhas, 4 respondentes disseram que não conheciam nada sobre a prática, os demais respondentes disseram que conheciam muito pouco ou o básico, muitos relacionaram seus primeiros conhecimentos sobre a atividade à natureza, acreditavam ter poucos lugares para a atividade e não tinha noção da proporção que a atividade tem em relação a diversidade de lugares para ir, utensílios necessários, consciência ambiental, níveis de trilhas. O respondente 3 disse que: “Antes de conhecer sobre a atividade de 'trilha', para mim era 'tudo' a mesma coisa. Hoje, vejo que existem várias ramificações ligadas as práticas de atividades de conexão com a natureza. Então, posso falar que conhecia pouca coisa (ou seja, quase nada), apenas observadas em filmes e documentários.” Na pergunta B, ao serem questionados de como surgiu a vontade de iniciar a atividade de trilhar e por quê, boa parte citou a contato com a natureza, a “paz” que o convívio nela traz e sensação de liberdade. Atividades físicas também foram fatores que impulsionaram essa vontade, hábitos saudáveis e a “sensação de estar no topo”, o respondente 7 diz que é uma “[...] forma de fugir do cotidiano, e também de repor as energias num contato direto com a natureza.” Outros respondentes dizem ter feito uma vez com a companhia de algum amigo ou por curiosidade de conhecer algum lugar e adoraram a experiência e não pararam mais com a atividade. O respondente 4 disse: “Um grande amigo me convidou para uma viagem até Itatiaia e fui. Lá conheci as partes baixa e alta do parque nacional, andei como nunca tinha andado antes, tive exaustão muscular. Mas as sensações que a caminhada na montanha me proporcionaram foram únicas que, depois disso, nunca mais larguei essa vida.” O respondente 8 complementa que: “a rede social ajudou a conhecer novos grupos e pessoas.”

Entende-se a partir do que já foi apresentado anteriormente na pesquisa, que o conhecimento sobre trilhas que as pessoas tinham antes de iniciarem as atividades era superficial e apenas tinham conhecimentos de poucos detalhes. E a vontade surge segundo os respondentes principalmente pelo contato com a natureza, que é apontado com fator motivacional na maioria das respostas obtidas na pergunta.

6.2.2 BUSCA DA INFORMAÇÃO

Neste tópico foram analisadas as respostas de três perguntas abertas feitas aos respondentes: a) que tipo de informações você encontra sobre trilhas?; b) qual o papel que essas informações exerceram ou exercem na sua motivação para a prática dessa atividade?; c) você participa de algum grupo de discussão/ conversa/ troca de informações sobre trilhas? qual (is) e em que mídia?

Na pergunta A os respondentes são questionados sobre que tipo de informações encontram sobre trilhas, a grande maioria respondeu sobre informações e a localização da trilha, tempo de percurso, grau de dificuldade, arredores, entre outros. São informações básicas que são muito importantes para quem deseja conhecer um novo local, uma nova trilha, saber onde é exatamente, saber sobre os perigos da trilha ajudam as pessoas a se prepararem para realizar a atividade de maneira mais segura. O respondente 3 cita basicamente todos os pontos comentados acima, porém faz uma observação sobre a existência de informações importantes “Quando existe uma pesquisa prévia sobre, as primeiras informações que encontramos são sobre o tempo (duração), e distância. Fora dicas, melhor caminho, como chegar, onde visitar, pontos turísticos dentro da trilha, mapa, fotos, vegetação, animais, clima. Quando tem...” É importante frisar que essas são as informações úteis e necessárias que os praticantes procuram, mas não necessariamente essas informações estão reunidas em um só lugar ou de fácil recuperação, o respondente 20 complementa: “Todo tipo de informação, desde quais trilhas são as melhores, como chegar nos locais, dicas do que levar, porém se tratando de trilhas menos conhecidas a informação não é tão completa.”

Na pergunta B é questionado aos respondentes qual o papel que essas informações exerceram e exercem na motivação para a prática da atividade de trilhas, o respondente 6 resume em: “Planejamento. Acredito que o 'trilheiro' com essas informações pode montar toda sua logística, carga, equipamento e preparo.” O respondente 9 complementa com: “São informações muito úteis para a formação da logística e para a minimização de possíveis riscos.” Basicamente todos citam a questão de planejamento e logística como fator importante do papel dessas informações, a questão do conhecimento anterior de ir até o lugar e saber seus detalhes, que ajudam, por exemplo, a não se perder, ajudam a saber que há cachoeiras, locais onde precisa de equipamentos específicos para escalada, etc. Outros respondentes citam também a questão da motivação, ao encontrarem essas informações se sentem mais atraídos a conhecer o local, o respondente 1 diz que “[...] amigos ou guias que conheçam alguma trilha ainda nova para mim ou mesmo um vídeo que explique o acesso e caminho incentivam a prática.” A respondente 12 complementa com a frase “Motivação para participar”.

Na pergunta C os respondentes são questionados se participam de algum grupo de discussão/ conversa/ troca de informações sobre trilhas e se sim, qual grupo e em que mídia. Dos 20 respondentes, 18 responderam que participam e 2 responderam que não. Alguns grupos sobre trilhas foram citados, foram eles: Trilhando Montanhas; #PartiuTrilha; Trilheiros Rio de Janeiro, PéNoTopo; MochileirosRJ; @TrilheirosFreedom; Trilhando e Aventurando. Parte dos grupos possuem perfis nas redes sociais como Instagram e grupos de discussão no Facebook, além de grupos de conversa no Whatsapp. Dentre as mídias citadas estão Instagram, Facebook e Whatsapp, citando mais de uma das mídias, 5 respondentes citaram os perfis de Instagram, 10 citaram os grupos de Facebook e 11 citaram os grupos de Whatsapp.

É possível observar que o meio virtual é uma grande ferramenta para se recuperar as informações sobre trilhas, por meio de redes sociais que facilitam o acesso e a interação das pessoas que dele participam. As informações são de extrema importância para os usuários que buscam por elas, pois além de envolver informações básicas sobre localização, também informam medidas de segurança, ainda mais se tratando de uma atividade que requer cuidado com a segurança física do praticante. Além do fator motivacional que as informações exercem nas pessoas. A falta dessas informações pode implicar na possível falta de motivação, ou a tentativa de descobrir sozinho as informações indo “às cegas” e acabar não tendo um resultado feliz, por exemplo, não achar o local ou se perder. Para a respondente 19 “É fundamental que essas informações tenham circulação para motivar e também alertar as pessoas dos possíveis riscos de uma trilha sem preparo [...]”

6.2.3 RELATOS DOS PRATICANTES SOBRE A ATIVIDADE

Neste tópico foram analisadas as respostas de uma pergunta aberta feita aos respondentes: a) houve alguma mudança que você considera relevante em sua vida, que esteja de alguma forma relacionada a realização de trilha? descreva.

Nesta pergunta, os respondentes são questionados se houve alguma mudança que consideraram relevante na vida, que esteja de alguma forma relacionada a realização das trilhas, e foi pedido que descrevesse. Dos 20 respondentes, todos responderam de forma positiva a mudança que essa atividade trouxe para suas vidas, grande parte associou a mudança ao condicionamento físico, visto que a atividade das trilhas é uma atividade física, e em alguns casos é necessário um razoável condicionamento físico do praticante. A

respondente 4 diz que: “[...] me sinto muito mais disposta para as tarefas diárias e a rotina depois que comecei a prática.” E o respondente 20 complementa com “a melhora no condicionamento físico e na saúde.”

A questão psicológica foi apontada dentre os respondentes, como algo que foi trabalhando ao longo da prática da atividade, como “saúde mental”, onde o fator de conquista é visto como superação, agregando mais confiança aos praticantes. A respondente 19 diz: “Me sinto muito mais em paz comigo mesma, com paz de espírito e me sinto saudável e com um ótimo condicionamento físico. Me sinto em liberdade e também sempre motivada a ir além, a superar meus limites e alcançar desafios cada vez maiores. Virou um estilo de vida.” A questão do “estilo de vida” citado dentro os respondentes é um conjunto caracterizado por suas próprias respostas, que segundo elas incluem: prática de atividades físicas, no caso, as trilhas, saúde mental, alimentação, hábitos saudáveis, cuidar do meio ambiente, bom convívio social e valorização de coisas simples.

Respeito à natureza também é um ponto bastante discutidos nas respostas, muitos citam a conscientização ambiental. O respondente 18 diz que “A prática de trilhas me fez pensar muito em como devemos cuidar e amar a natureza me ensinou a admirá-la ainda mais.” O respondente 6 complementa falando que “A construção de uma consciência ambiental, compartilhamento de uma vida saudável, que observa, entende e respeita as leis naturais, e que auxilia na colaboração do processo sustentável.”

Pode-se observar que a atividade contribui e impacta de forma positiva a vida dos respondentes, a atividade não é vista como uma simples trilha e sim como um “estilo de vida” que alguns respondentes citaram em suas respostas, é observado também a satisfação com a atividade e seus resultados. A atividade deixa de ser apenas uma subida até um belo lugar e se transforma em novas amizades, novas metas, superação, novos pensamentos, ou seja, um novo hábito que se adequa ao que a atividade pede, ao que cada um quer extrair de si mesmo. Para o respondente 3 “As trilhas te fazem uma pessoa melhor, mais sociável, mais política, mais amiga, mais madura, mais consciente com o meio ambiente. Pois considero relevante o fato, de que vivemos com as coisas tão rápidas nesse mundo dinâmico, que esquecemos dos bons momentos e daquelas imagens que param no tempo. As trilhas (algumas vezes) te oferecem momentos de dor, porém, são sempre recompensados por sensações de prazer para mente. Assim como na vida, onde precisamos passar por etapas, e subir degrau por degrau para se chegar a um lugar almejado, em uma trilha você começa de baixo do pico, anda, anda, anda, sofre, descansa, se recupera, anda ainda mais, escala, sobe, e pronto, você chega a ponto

mais alto.” O respondente 2 complementa: “[...] pude exercer mais a minha criatividade e paixão por fotos de paisagens e natureza, além de muitos mais amigos que fiz por conta dessa pratica.”

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa foi possível compreender as características e motivações gerais na busca de informações sobre a prática de trilhas no Rio de Janeiro. O Estado do Rio com suas especificações ajuda a proporcionar um ambiente que permite uma maior interação de forma mais acessível com a prática de trilhas, como belas praias, montanhas, presença de vegetação, em especial em meio ao perímetro urbano e também às UCs.

A percepção obtida a partir da análise do referencial teórico apresentado na pesquisa conjugado às respostas obtidas do questionário, tornou possível encontrar respostas para os questionamentos levantados na presente pesquisa. Dentre as motivações que levam as pessoas a iniciarem a prática de trilhas, a de maior peso na visão dos praticantes estudados, é o contato direto com a natureza. Acredita-se que, com isso, a percepção da rotina de um centro urbano como o Rio de Janeiro será equilibrada com maior interação com o meio ambiente. É associada à natureza a sensação de “paz” e calma, e um momento de recarregar as energias. Energias essas sugadas ao longo de uma rotina estressante e corrida e que, embora permaneça a possibilidade de parar para ver o ambiente ao redor e seus detalhes, muitos são condicionados a não seguir escolhas que originalmente permitiriam um espaço de tempo maior para contemplação e convívio com a natureza. Ter esse momento relaxante significa para as pessoas uma possibilidade de um momento para si mesmas, o que representa poder fugir da rotina. A trilha, na visão dos praticantes, não se resume a apenas a atividade, mas a todo um conjunto de coisas consideradas boas para uma melhor qualidade de vida.

Além de todos os outros fatores ligados à prática de trilhas, que na maioria das vezes exige um condicionamento físico do praticante para que possa ser considerado satisfatório para a realização da atividade, o trilhaeiro busca melhorar seu condicionamento físico e mental para poder realizar as atividades da melhor maneira possível, resultando assim numa maior possibilidade de novas atividades. Isso pode despertar a vontade de superação, de poder ultrapassar seus limites e querer sempre novos desafios. Isso pode, da mesma forma, auxiliar tanto na saúde física quanto também na mental. A busca por hábitos saudáveis é um fator que também motiva as pessoas a iniciarem a prática, segundo resultados da pesquisa.

Conforme discutido anteriormente, constantemente é feita a associação entre a prática de esportes e o meio ambiente, com o objetivo de construir um perfil de indivíduo “saudável”; esse perfil é derivado de características definidas que praticadas juntas formam um indivíduo de “vida saudável”. Essas características costumam ser: boa alimentação, prática de esportes,

interação com a natureza (optar por coisas naturais, que tenham um menor impacto negativo ao meio ambiente), entre outros. É importante observar que essas características podem influenciar de forma positiva na vida das pessoas, e nas respostas de boa parte dos respondentes é encontrada alguma menção a ter uma “vida saudável” através da iniciação da prática de trilhas associado a outros hábitos. A trilha é uma atividade física, por isso é esperado que o praticante sinta os impactos desses hábitos em sua rotina.

Ainda é possível observar através da pesquisa que as informações referentes às trilhas são consideradas importantes para os praticantes, como forma de planejar a atividade. Posto que existem muitas trilhas que precisam de equipamento para sua realização ou ainda que possuam um maior grau de periculosidade ou desgaste, é importante saber o tempo de duração para também programar um possível pernoite, o que fará necessário outros tipos de equipamentos, transportes até o local, nível de dificuldade da trilha, arredores e também questões relacionadas à segurança. Além disso, as informações servem como inspiração para conhecer lugares e motivar ainda mais a continuar ou, até mesmo, iniciar a prática.

Foram identificadas as fontes de informação mais utilizadas pelos respondentes, a partir da análise das respostas ao questionário, sendo que a maioria dos respondentes apontou que a busca das informações é realizada no meio eletrônico, principalmente nas redes sociais. Essa característica também pode ser encontrada anteriormente durante a apresentação do referencial teórico da pesquisa, o qual mostra que por estarmos inseridos em uma sociedade cada vez mais tecnológica e, de certa forma, com acessibilidade aos dispositivos eletrônicos é possível que nossas interações sociais sejam voltadas para as mídias eletrônicas e, conseqüentemente, a busca por informações também seja mais intensa nesse sentido.

No âmbito das trilhas, em especial no Rio de Janeiro, um suporte informacional que chama bastante atenção são as fotografias, elas podem fazer com que as pessoas sintam maior vontade de ir até o lugar para conhecê-lo. As redes sociais nesse contexto exercem essa influência por meio das informações disseminadas através delas, o que pode ser identificado nas respostas às perguntas do questionário que citam diversos grupos de discussão acerca das trilhas que têm suas principais raízes nas redes sociais, se expandem através de fotos, comentários, relatos e explicações para outros praticantes ou pessoas que buscam essas informações.

Por fim, a partir desta pesquisa foi possível compreender melhor o papel das trilhas na vida dos praticantes, através de suas características e suas motivações, podemos ver que não é considerada uma simples atividade esporádica e sim um “estilo de vida”. É considerada

parte de um conjunto de ações, que juntas estão associadas a busca de uma rotina que influencie de forma positiva a vida das pessoas que a praticam.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Giseli Adornato de; SILVA, José Fernando Modesto da. Análise do uso das ferramentas de redes sociais em bibliotecas universitárias brasileiras. **CRB-8 Digital**. v. 6, n. 1, p. 2-10, ago., 2013. Disponível em: <http://www.crb8.org.br/UserFiles/File/Artigo_An%C3%A1lise%20do%20uso%20das%20ferramentas%20de%20redes%20sociais%20em%20bibliotecas%20universit%C3%A1rias%20brasileiras.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2016.
- ALMADA, Edna Dayane de Bessa; BERNARDES, Morgana de Araújo. Educação ambiental através do uso de trilha ecológica no seminário Regina Minorum Anápolis/GO. **Revista de Magistro de Filosofia**. 2015. Disponível em: <http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2015/10/06_No17.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2016.
- ARAÚJO, Carla. **Mata Atlântica: o bioma do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: MultiRio, 2015. Disponível em: <<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/1155-mata-atlantica-o-bioma-do-rio>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- ARAÚJO, Denise Sardinha Mendes Soares de; ARAÚJO, Claudio Gil Soares de. Aptidão física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 6, n. 5, set./out., 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v6n5/v6n5a05.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARTH, Fabrício Jailson. **Uma breve introdução ao tema Recuperação de Informação**. São Paulo: 2010. Disponível em: <<http://fbarth.net.br/materiais/introducaoRecuperacaoInformacao/introducaoRecuperacaoInformacao.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2016.
- BORGES, Maria Manuel. **A ciência da informação criadora de conhecimento**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- BRASIL. CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1988. Disponível em: <<http://www.amperj.org.br/store/legislacao/constituicao/cerj.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2016.
- _____. **Ministério do Meio Ambiente**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental>>. Acesso em: 11 nov. 2016.
- _____. Ministério do Meio Ambiente. **Rio tem mais de 30% de cobertura original da Mata Atlântica**. Brasília, DF: Portal do Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2015/05/estado-do-rio-possui-mais-de-30-de-cobertura-original-da-mata-atlantica>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- CAPURRO, Rafael. HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n.1, p. 148-207, jan./abr., 2007.

CONGRESSO EM FOCO. **Violência contra mulher supera em três vezes agressões contra homens**. Brasília, DF: UOL, 2016. Disponível em:

<<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/violencia-contra-mulher-e-tres-vezes-maior-que-contra-genero-masculino/>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

CONTREIRA, Andressa Ribeiro; CORAZZA, Sara Teresinha. A prática de exercícios físicos e a melhoria nos elementos perceptivo motores: estudo de revisão. **Revista Digital - Buenos Aires**, v. 13, n. 132, maio, 2009. Disponível em:

<<http://www.efdeportes.com/efd132/exercicios-fisicos-e-elementos-perceptivo-motores.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

COSTA, Alcides Vieira. **O potencial das atividades físicas de aventura na natureza em Porto Alegre: um estudo integrado dos parâmetros paisagísticos, sócio-ambientais, infra-estruturais e de riscos**. 2006. Dissertação – Escola de Educação Física da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRS, Porto Alegre, 2006. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10026/000593637.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

COSTA, Alcides Vieira; REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo. O potencial das atividades físicas de aventura na natureza: as contribuições para o meio ambiente. **Revista de Ciências del Deporte**, v. 11, p. 95-96, 2015. Disponível em: <[http://www.e-](http://www.e-balonmano.com/ojs/index.php/revista/article/view/230)

[balonmano.com/ojs/index.php/revista/article/view/230](http://www.e-balonmano.com/ojs/index.php/revista/article/view/230)>. Acesso em: 12 nov. 2016.

COSTA, Nadja Maria Castilho da; et. Al. O (des) uso público em unidades de conservação: avaliação em algumas áreas protegidas do Estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v.4, n.4, p. 496, 2011.

COSTA, Vivian Castilho da; MELLO, Flávio Augusto Pereira. Manejo e monitoramento de trilhas interpretativas: contribuição metodológica para a percepção do espaço eco turístico em unidades de conservação. **Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. 2005. Disponível em:

<<https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/vivian.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

ENDURO DE AVENTURA. **O que é trekking**. Vitória, 2011. Não paginado. Disponível em: <http://www.endurodeaventura.com.br/2012/?p=o_que_e_trekking>. Acesso em: 11 nov. 2016.

FEMERJ. **Segurança em trilhas**. Rio de Janeiro: Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.femerj.org/>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

FIALHO, Joaquim Manuel Rocha. Análise de redes sociais: princípios, linguagem e estratégias de ação na Gestão do conhecimento. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 4, n. esp., p. 9-26, out., 2014. Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/20881/11745>>. Acesso em: 06 dez. 2016.

Fundação SOS Mata Atlântica. **Fundação divulga mapeamento inédito da Mata Atlântica do Rio**. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica, 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2015/05/estado-do-rio-possui-mais-de-30-de-cobertura-original-da-mata-atlantica>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

GOMES, Helton Simões. **Internet chega pela 1ª vez a mais de 50% das casas no Brasil, mostra IBGE**. Rio de Janeiro: G1, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/internet-chega-pela-1-vez-mais-de-50-das-casas-no-brasil-mostra-ibge.html>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

IRVING, Marta de Azevedo; CORRÊA, Frances Vivian; MORAES, Edilaine Albertino de. Cidade maravilhosa? Interpretando a percepção do turista sobre o Rio de Janeiro. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 11, n. 3, p. 427-442, dez., 2011. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=view&path%5B%5D=631>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

KOSONISCS, Rafael. **Diferença entre hiking e trekking**. Seu mochilão. 2014. Disponível em: <<http://www.seumochilao.com.br/diferenca-entre-hiking-e-trekking/>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Crise ambiental e suas implicações na educação**. 2002. Disponível em: <<http://www.educacaoambiental.pro.br/victor/biblioteca/LayrarguesCriseAmb.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LEUZINGER, Márcia Dieguez. **Uso Público em Unidades de Conservação**. Congresso de Direito Ambiental da PUC-RIO, 2010, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.nima.puc-rio.br/aprodab/artigos/uso_publico_em_unidades_de_conservacao_marcia_leuzinger.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2016.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2016. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

MUNHOZ, Janaina de Freitas; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Atividades físicas de aventura na natureza: trajetória na região de São Carlos. **III Congresso Científico Latino Americano UNIMEP/FIEP**, Piracicaba. 2004. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/afan.PDF>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

OLIVEIRA, Marlene de. **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

PACIEVITCH, Thais. **Geografia do Rio de Janeiro**. Info Escola. Disponível em <<http://www.infoescola.com/rio-de-janeiro/geografia-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 24 out. 2016.

PAULA, Daniela Ferreira Lima de; GARCIA, Wilton. Comunicação, consumo e imagem no Instagram: estudos contemporâneos. Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI, Londrina. **Anais eletrônicos...** Universidade Estadual de Londrina: 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT7/COMUNICACAO%20%20CONSUMO%20E%20IMAGEM%20NO%20I.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Dicionário Enciclopédico de Ecologia e Turismo**. São Paulo: Manole, 2000.

PENTEADO, Marcelo Daniel Vallim. **Aprendendo a escalar**. 1993. Disponível em: <http://trekkingbrasil.com/wp-content/uploads/aprendendo_a_escalar.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2016.

PORTAL DA INDÚSTRIA. **Atividade física. Brasília**: Portal da Indústria, 2016. Disponível em: <<http://arquivos.portaldaindustria.com.br/portlet/200/14256/20120529074346888762e.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

RIO CARNIVAL. **O Guia de Carnaval do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.rio-carnival.net/carnaval/>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

RIO DE JANEIRO (cidade). **Jogos Rio 2016. Rio de Janeiro**: Cidade Olímpica, 2016. Disponível em: <<http://www.cidadeolimpica.rio/jogos-rio-2016/>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

RIO DE JANEIRO (cidade). **Visit.rio**: a nova marca do turismo carioca. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/riotur/exibeconteudo?id=5822716>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

RIO DE JANEIRO (estado). Instituto Estadual do Ambiente. **Prática de esportes em áreas naturais**. Rio de Janeiro: INEA, 2016. Disponível em: <<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mde2/~edisp/inea0016729.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

RIO DE JANEIRO (estado). Instituto Estadual do Ambiente. **Unidades de Conservação da Natureza (UCs)**. Rio de Janeiro: INEA, 2016. Disponível em: <<http://www.inea.rj.gov.br/Portal/Agendas/BIODIVERSIDADEEAREASPROTEGIDAS/UnidadesdeConservacao/index.htm&lang=#/Prote%C3%A7%C3%A3oIntegral>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

ROCHA, Fernanda; BARBOSA, Fabiana Pestana; ABESSA, Denis Moledo de Souza. Trilha ecológica como instrumento de Educação Ambiental: estudo de caso e proposta de adequação no Parque Estadual Xixová-Japuí (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v.3, n.3, p. 478-497, 2010.

RUBIM, Maíra. Freqüentadores sofrem com falta de segurança nas trilhas da Zona Oeste: Grande incidência de assaltos provoca mudanças no trajeto escolhido por montanhistas. Rio de Janeiro: **O Globo**, 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/frequentadores-sofrem-com-falta-de-seguranca-nas-trilhas-da-zona-oeste-13424070#ixzz4RPxUcdgX>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

SALVATI, S. S. **Certificação em ecoturismo: lições mundiais e recomendações para o Brasil**. Brasília: WWF, 2001. Disponível em: <<http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/images/abook/pdf/Certificao%20em%20Turismo-%20lies%20mundiais%20e%20recomendaes%20para%20o%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

SOMASUNDARAM, G. SHRIVASTAVA, Alok. **Armazenamento e gerenciamento de informações**: como armazenar, gerenciar e proteger informações digitais. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, v. 8, n. 16, p. 20-45, jul./dez., 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a03n16>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

ZANONI, Juliano; STEFANO, Silvio Roberto. Desenvolvendo o turismo rural em um meio de hospedagem rural: Spa Xangrilá. **VII Seminários em Administração FEA-USP**. São Paulo. 2005. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/7semead/paginas/artigos%20recebidos/Socioambiental/SA10_Desenvolvendo_turismo_rural.PDF>. Acesso em: 11 nov. 2016.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

1. Qual seu sexo?
 Fem
 Masc
2. Antes de realizar as trilhas, você conhecia essa atividade?
 Sim
 Não
3. O que você conhecia sobre essa atividade?
4. Como surgiu a vontade de iniciar essa atividade e por quê?
5. Há quanto tempo você realiza essas atividades?
 Até 6 meses
 De 6 meses até 1 ano
 Mais de 1 ano
6. De que forma você obtém informações sobre trilhas? (Pode marcar mais de uma opção)
Internet – Revistas/ Jornais – Amigos – Outros
7. Que tipo de informações você encontra sobre trilhas?
8. Qual o papel que essas informações exerceram e exercem na sua motivação para a prática dessa atividade?
9. Você compartilha as informações sobre as trilhas que realiza?
 Sim
 Não – pule a 10
10. De que forma você compartilha as informações sobre trilhas? (Pode marcar mais de uma opção)
Facebook – Instagram – Blog – Site – outros
11. Você participa de algum grupo de discussão/ conversa/ troca de informações sobre trilhas? Qual(is) e em que mídia?
12. Houve alguma mudança que você considera relevante em sua vida, que esteja de alguma forma relacionada a realização de trilhas? Descreva.

